EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E CAMPONESES.[1]

Paulo Zarth[2]. UNIJUI

Introdução: Um dos pontos centrais da história do campesinato é a relação com a inovação tecnológica que se desenvolve num ambiente cultural conflituoso, no qual entram em disputa diversas concepções de ciência, de vida, de natureza e de política, mediadas pelos educadores e agentes de diversas instituições de difusão de tecnologia. Nessa relação conflituosa as populações camponesas estariam em menor ou maior grau resistente a introdução de novas tecnologias, conforme os estudos clássicos organizados por Shanin (1979). Uma das formas de quebrar a suposta resistência camponesa seria através de processos educativos ou através de diversos tipos de programas: extensão rural, demonstrações práticas em campos experimentais e da própria rede escolar. Não se pode desconsiderar para os períodos mais recentes a grande influência da propaganda e das estratégias de vendas das companhias produtoras de tecnologias para o campo. Uma visão muito difundida na bibliografia e entre os técnicos ligados a agricultura parte da idéia de que as novas tecnologias são dadas como intrinsecamente boas e necessárias. Por outro lado, abordagens críticas sobre essa visão partem de perspectivas substancialmente diferentes, considerando as resistências como parte de uma racionalidade própria dos agricultores. Uma abordagem mais recente, que se convencionou chamar de saberes tradicionais, procura reconsiderar os saberes de populações tradicionais indígenas e não-indigenas camponesas como fundamental para uma agricultura sustentável. Nessa concepção teórica, o que antes era considerado atraso e entrave para a modernização passa a ser visto positivamente e valoriza o saber tradicional do camponês ao mesmo tempo em que supõe o campesinato como protagonista de um tipo de agricultura socialmente e ecologicamente correta. Metodologia: O espaço investigado é o Noroeste do RS e o material da pesquisa foi recolhido em fontes primárias no arquivo do Museu Antropológico Diretor Pestana, no Arquivo histórico do RS (relatórios oficiais, jornais e documentos avulsos). Os dados foram analisados com a perspectiva teórica expressa acima. Resultados: Os dados históricos indicam que os projetos de modernização implantados na região foram excludentes do ponto de vista social. Nos primeiros projetos de colonização com imigrantes europeus os camponeses nativos foram desalojados ou integrados de forma subalterna, desarticulando seu modo de vida camponês tradicional. A possibilidade de reprodução camponesa tradicional nos padrões costumeiros não era mais viável com o fechamento dos espaços antes disponíveis na região. O novo projeto para a agricultura regional desencadeado pela revolução verde baseado na monocultura com uso intensivo de máquinas, insumos e venenos agrícolas e conseqüente liberação de trabalho provocou grandes impactos ambientais e sociais. Processos educativos escolares e não-escolares foram fundamentais para a implantação de novos projetos de inovação. Conclusão: as práticas educativas utilizadas ao longo do período analisado se pautaram numa concepção teórica hegemônica no campo político, empresarial e acadêmico.

[1] Projeto de Pesquisa Realizado no Curso de Mestrado em Educação nas Ciências

[2] Professor no Mestrado em Educação nas Ciências e no DCS